

enquanto isso

fernando vilela



biblioteca mário de andrade
27.11.2018-24.02.2019

enquanto isso

fernando vilela

realização

galeria marcelo guarnieri

*Esta exposição é dedicada a Elisabeth Hermano
(in memoriam), Oswaldo Rocha, Regina Nogueira
e Roberto Paes*

nem tudo é culpa nossa

Visitei o ateliê de Fernando Vilela às vésperas da eleição. Foram dias tensos, a violência com a proximidade do pleito atingia a tudo e a todos, despudoradamente, e era alertada por todos os meios de comunicação.

Ali então se deu meu primeiro contato real com a obra do artista, com quem, indiretamente, tinha trabalhado no passado em exercício distinto, mas igualmente criativo: a ilustração, por conta de *Lampião & Lancelote*, que já trazia sinais da exposição ora em tela.

Enquanto um touro é covardemente morto na Espanha, crianças e adultos são assassinados no Oriente Médio e o Exército brasileiro estuda o manual de tortura usado pelo Exército estadunidense. A violência se torna algo trivial, algo que nem sequer importa. Uma xícara de chá num pires. Um trompete silencioso. Um bule de café prestes a explodir retinindo barulhos de guerra. Uma bomba, um tiro, um espinho. Vilela articula raciocínios e os desenha nas oficinas ministradas em seu ateliê/fábrica de ideias “aconchegante”. O artista tem a capacidade de criar, em concomitância, situações díspares, às vezes mesmo datadas, gerando no espectador uma estranha sensação de continuidade, mas também de desconsolo e impotência diante delas.

Talvez pelo claro-escuro predominante, a obra de Vilela me faz pensar de pronto na obra de Goya, sobretudo nas mais sombrias, como o soturno *Saturno* e *Os fuzilamentos na montanha do príncipe Pio*. Ambos os artistas trabalham em alta tensão com extrema agilidade, confiança e precisão. Ambos os artistas nos fazem lembrar e sentir que, em toda a história da civilização, o ser humano agiu de maneira quase sempre incorreta, em detrimento do que, no fundo, sabíamos ser sempre o mais correto. A força da obra de Vilela me faz ter a triste certeza de que fizemos praticamente tudo errado. Mas o torpor desse sentimento já não nos fere nem amua, pois, de tão bruto, tão incisivo e exclusivo, ele acaba nos redimindo, nos fazendo acreditar que nem tudo é culpa nossa.

A trilogia *Coleção 1968-1973*, de 2014, *Arsenal*, de 2017, e *Enquanto isso*, de 2018, ora exposta no saguão e na sala oval da Biblioteca Mário de Andrade, é encimada por uma obra bastante intrigante: *Encontro*, de 2018. Visivelmente a síntese dessa trilogia, *Encontro* (que eu intimamente entendo como “conciliação”) remete a um apaziguamento, como um pós-pranto, ou o reconhecimento do “cair em si”.

Narrativa em preto e branco de uma sociedade sombria repleta de contradições, desigualdades e violências, a obra de Vilela parece refletir o sentimento de uma comunidade vulnerável, mas verdadeira. Não por acaso, dialoga concretamente com o entorno da Biblioteca Mário de Andrade, nossa Praça Dom José Gaspar, registro fiel, hoje, da cena urbana paulistana.

Charles Cosac



a fúria do movimento

*Foi-se o tempo
em que confundi ação
com a fúria do movimento.
Arrancava lascas dos pratos
quando os punha a secar sem jeito
com o que é celestial.*

Júlia de Carvalho Hansen*

Os desenhos e pinturas de Fernando Vilela apresentam narrativas que se acumulam, se sobrepõem e gritam. Permeados de acontecimentos e memórias, os fragmentos embaralhados de histórias cotidianas, atravessados pela violência, trazem a síntese de um pensamento gráfico no qual a cidade, o convívio, a agressividade e a crueza da vida se dão em desenhos (a carvão, nanquim e óleo – *Enquanto isso*), em instalação (*Coleção 1968-1973*) e em objetos (*Arsenal*). Com densidade, antagonismos e complementos explícitos – como guerra e paz, silêncio e explosão, esses trabalhos dão forma a complexos mundos internos, indo do prosaico ao sublime. O que vemos, portanto, são perguntas repletas de indignação e que se movem em direções variadas. A assertividade de Vilela, livre no uso das linguagens, faz com que cada tema se desdobre para além dos suportes utilizados.

O imaginário do artista, forjado na belicosidade da ditadura, encontra ecos no mundo do pré-guerra, com as touradas de Lorca ou as urgentes questões do mundo contemporâneo – como os conflitos, passando por Iraque, Síria ou Turquia. No entanto, nenhum desses fatores históricos contextualizam seu trabalho. Eles representam, na verdade, um chamamento de fúria e de desejo – de atenção e de movimento em direção ao desconhecido.

Rodrigo Villela
Curador e gestor cultural

enquanto isso

2018
Grafite, nanquim e tinta a óleo sobre papel
21 x 30 cm

*Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016 (p. 21).

coleção 1968-1973

2014

Cento e dez livros de aço que possuem, lacrados em seu interior, publicações censuradas pela ditadura militar e o manual de tortura Kubark, do Exército estadunidense, utilizado nos treinamentos de oficiais brasileiros. Esses livros, violentados com marteladas, cortes e alvejados por tiros, estão no chão e em bancadas de ferro.

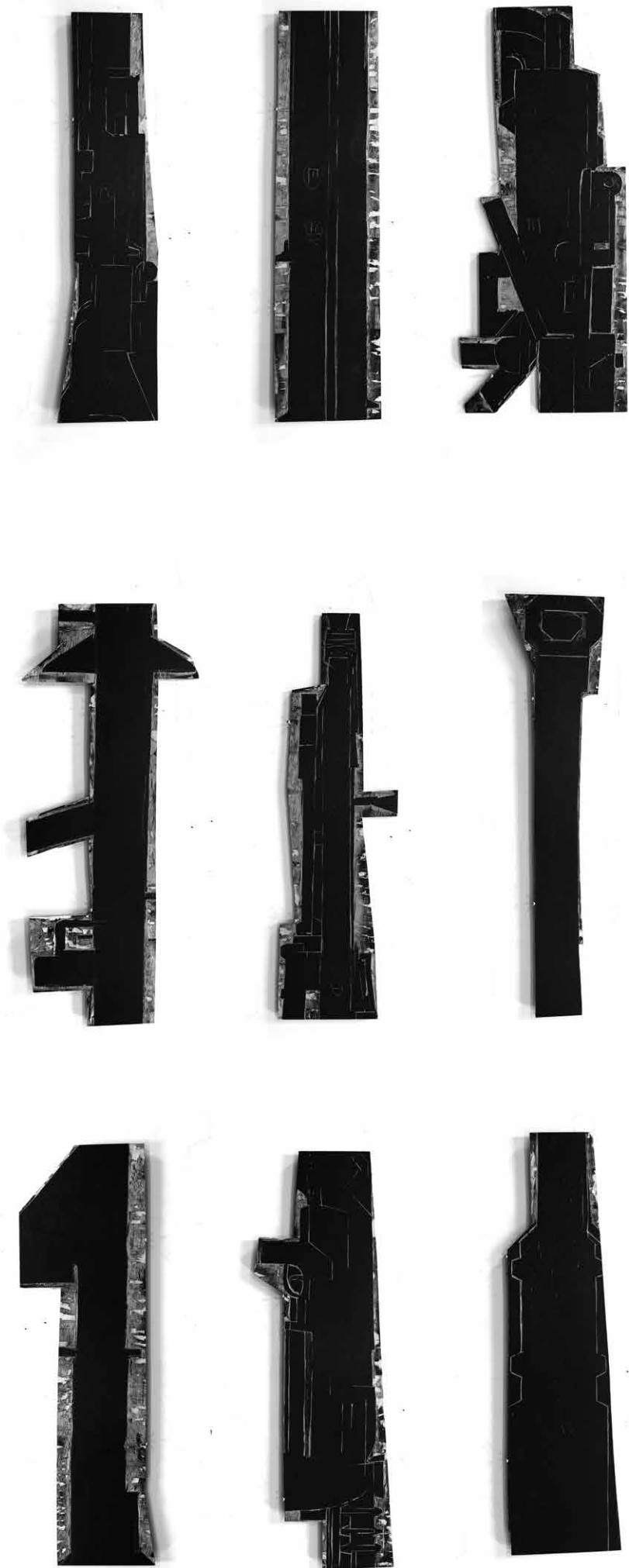






arsenal

2017
Obra composta de nove objetos entalhados em madeira.
Cada peça tem 110 cm de altura e largura variável.
Compensado e tinta gráfica.

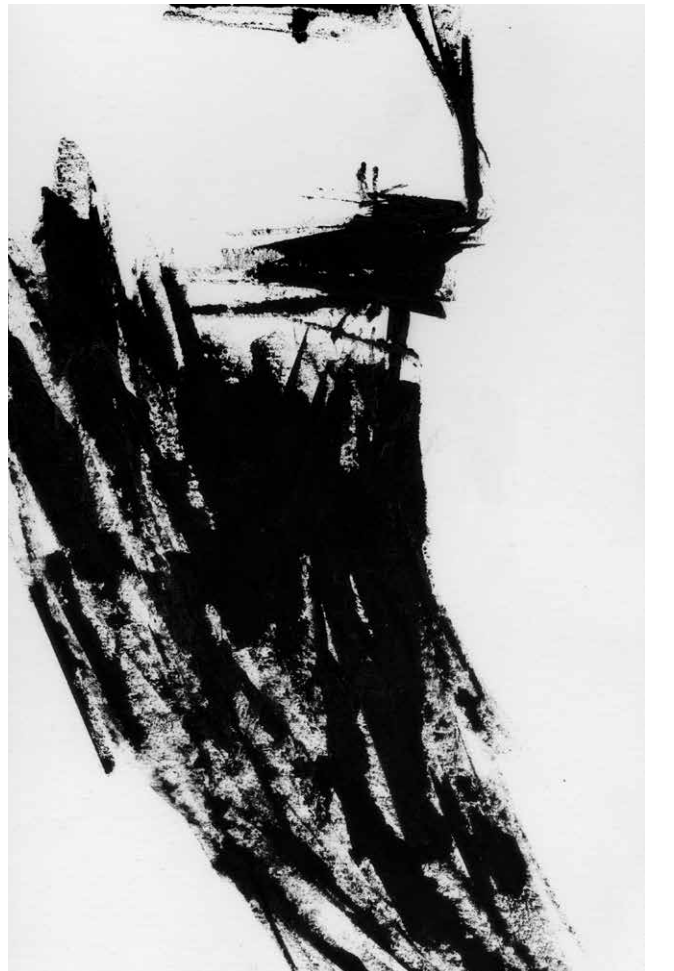
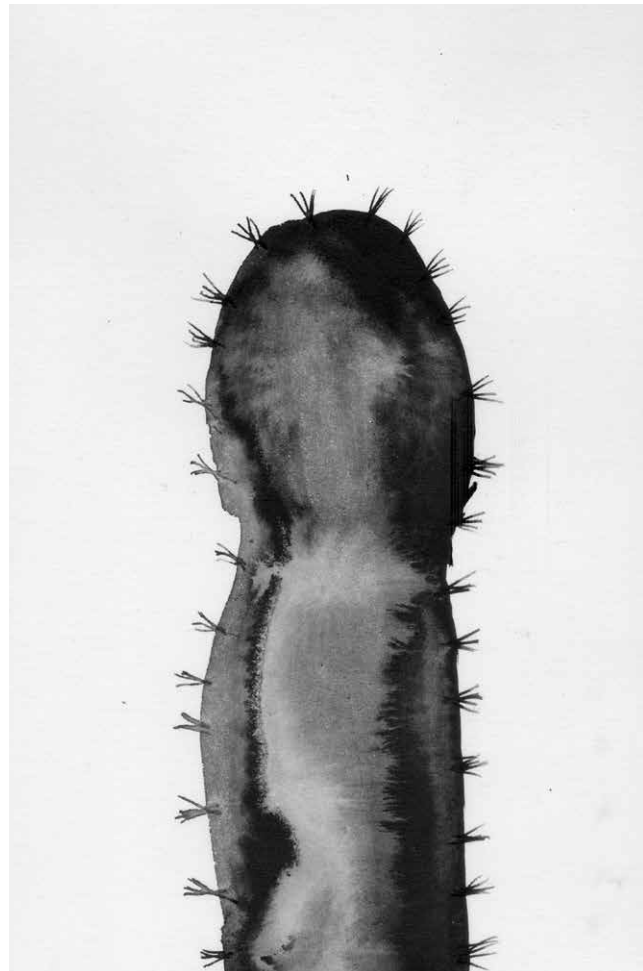
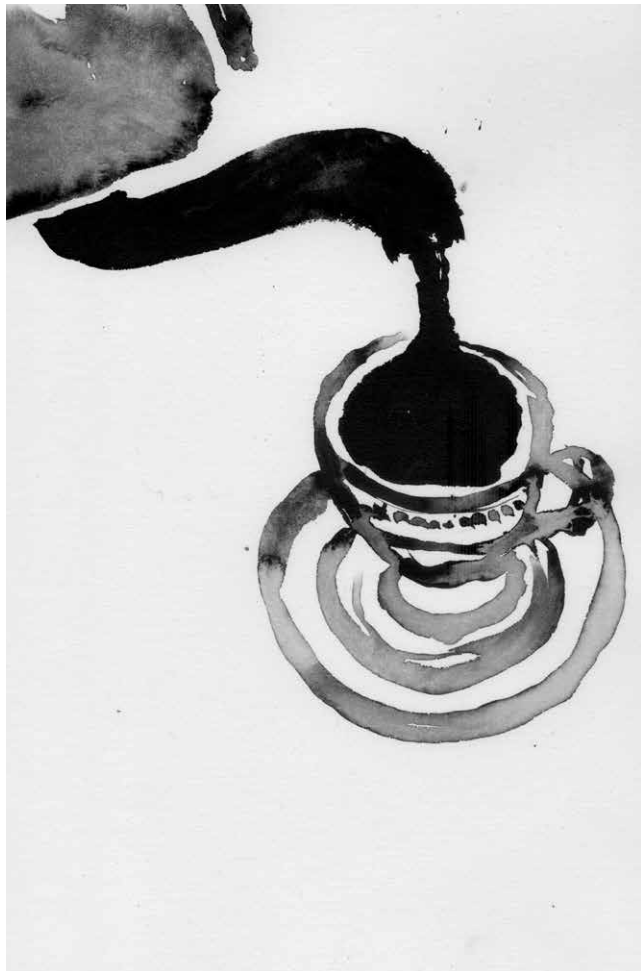
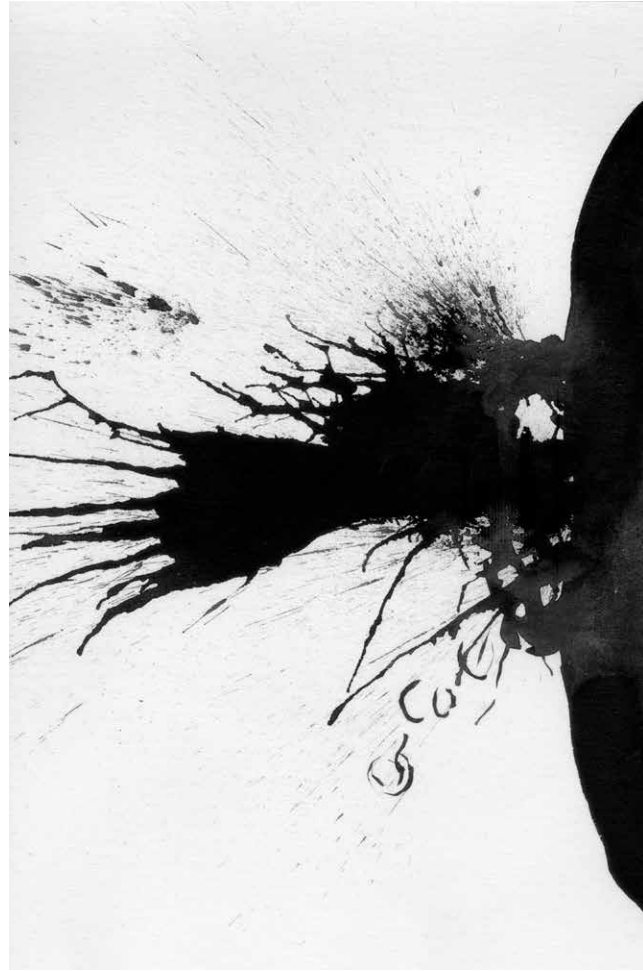


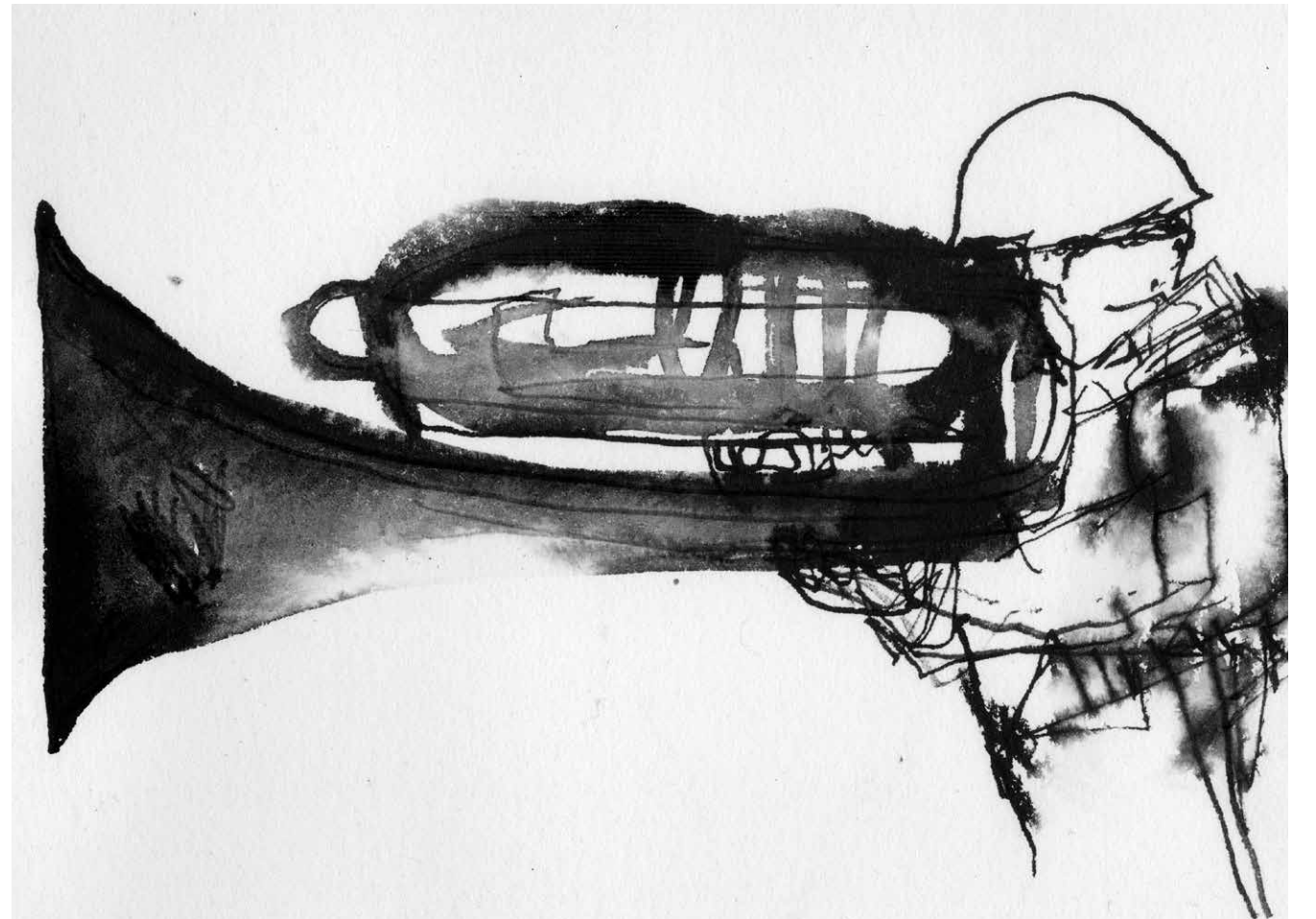
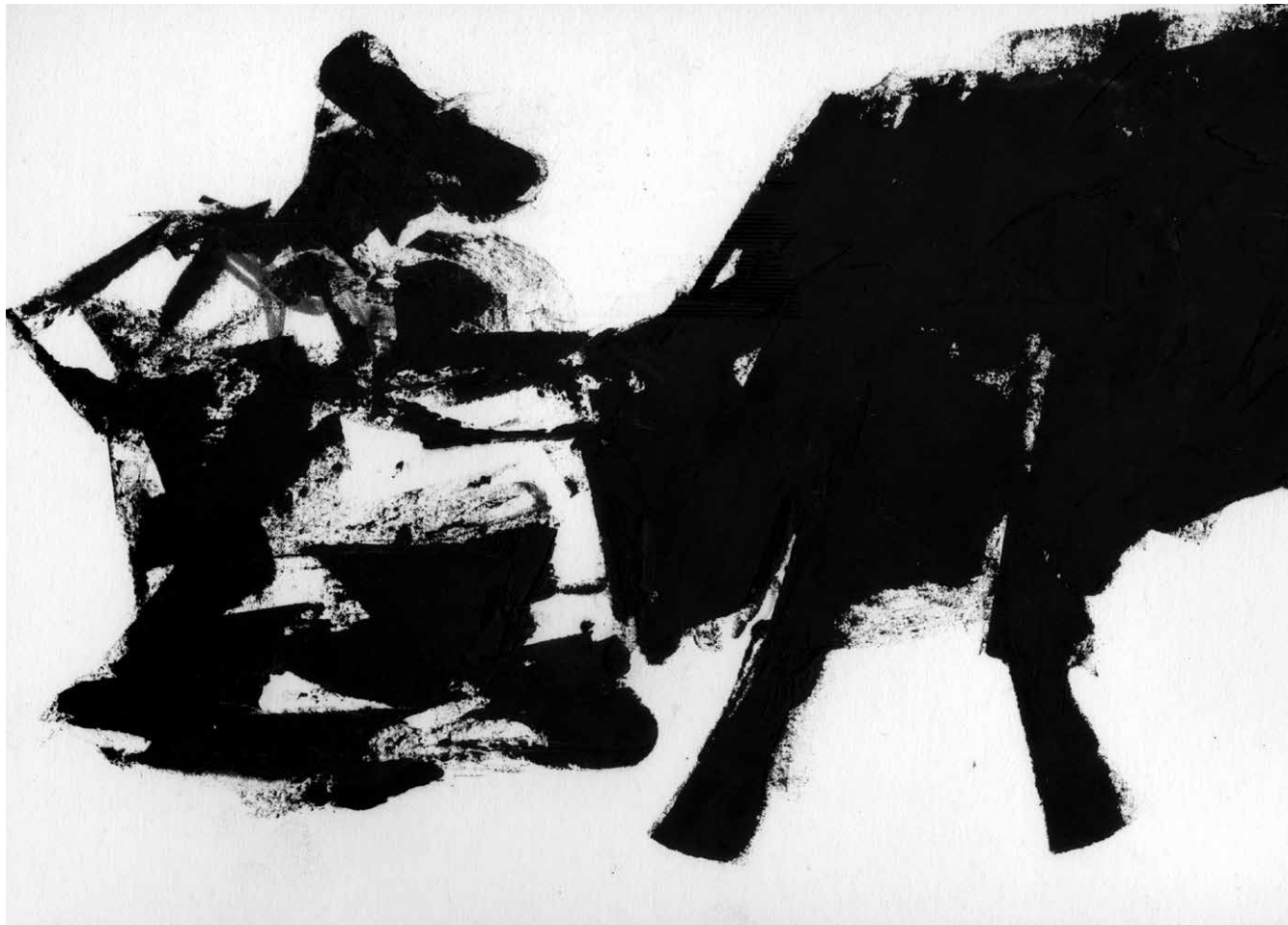
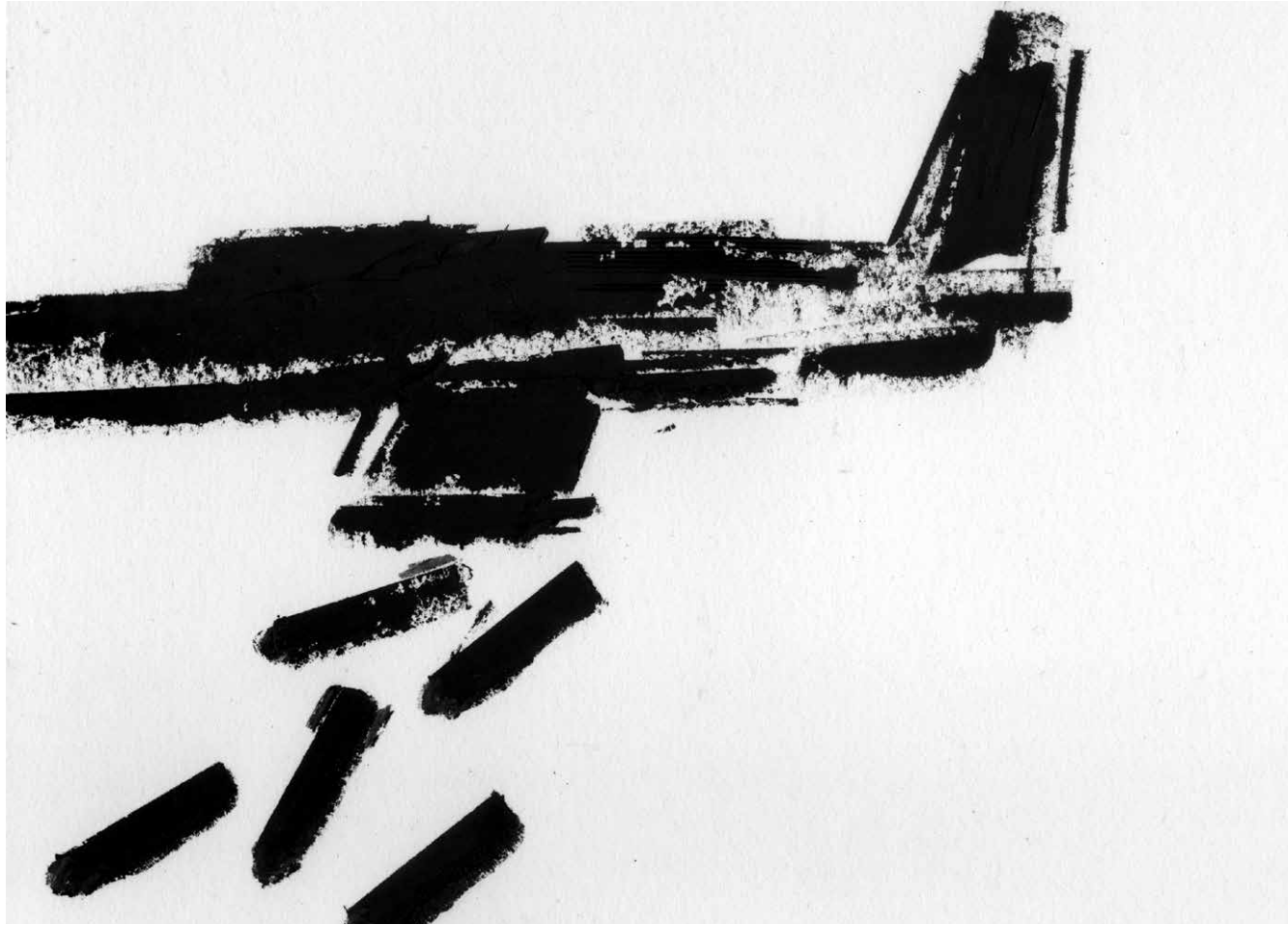


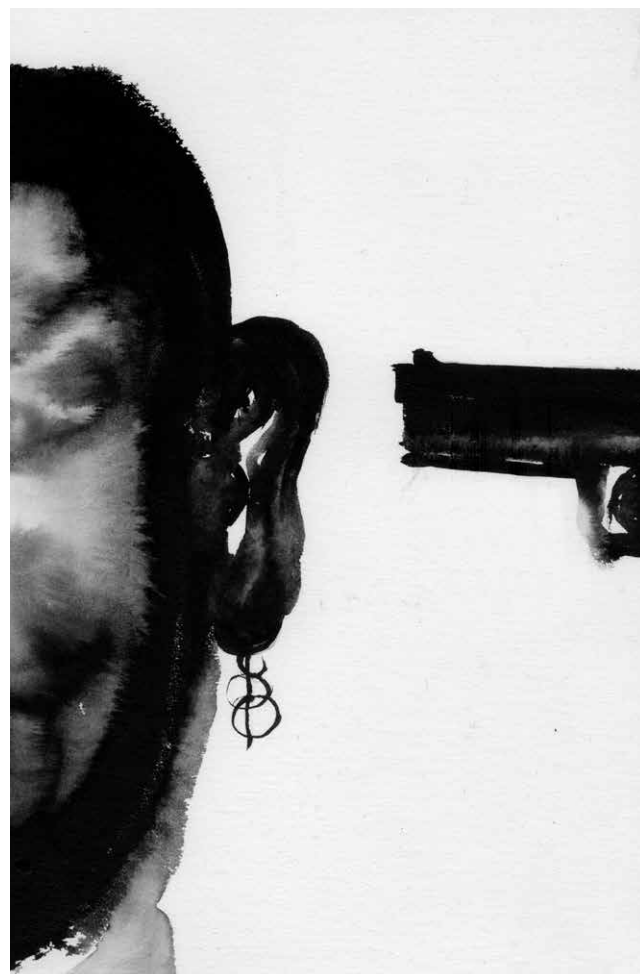
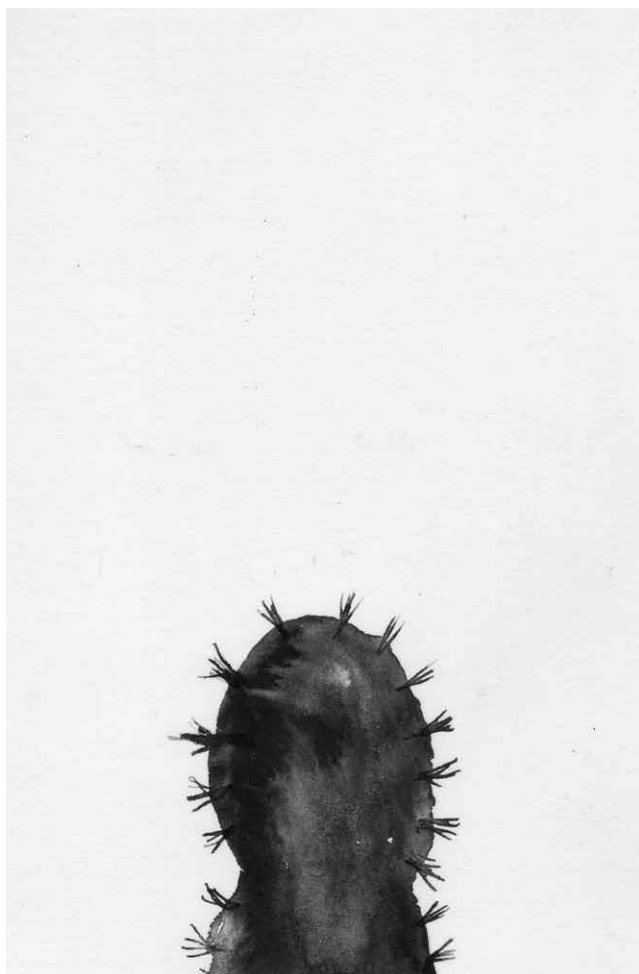
enquanto isso

2018
Série de 75 desenhos
Grafite, nanquim, tinta a óleo sobre papel, em dois formatos.
21 x 30 cm e 30 x 42 cm



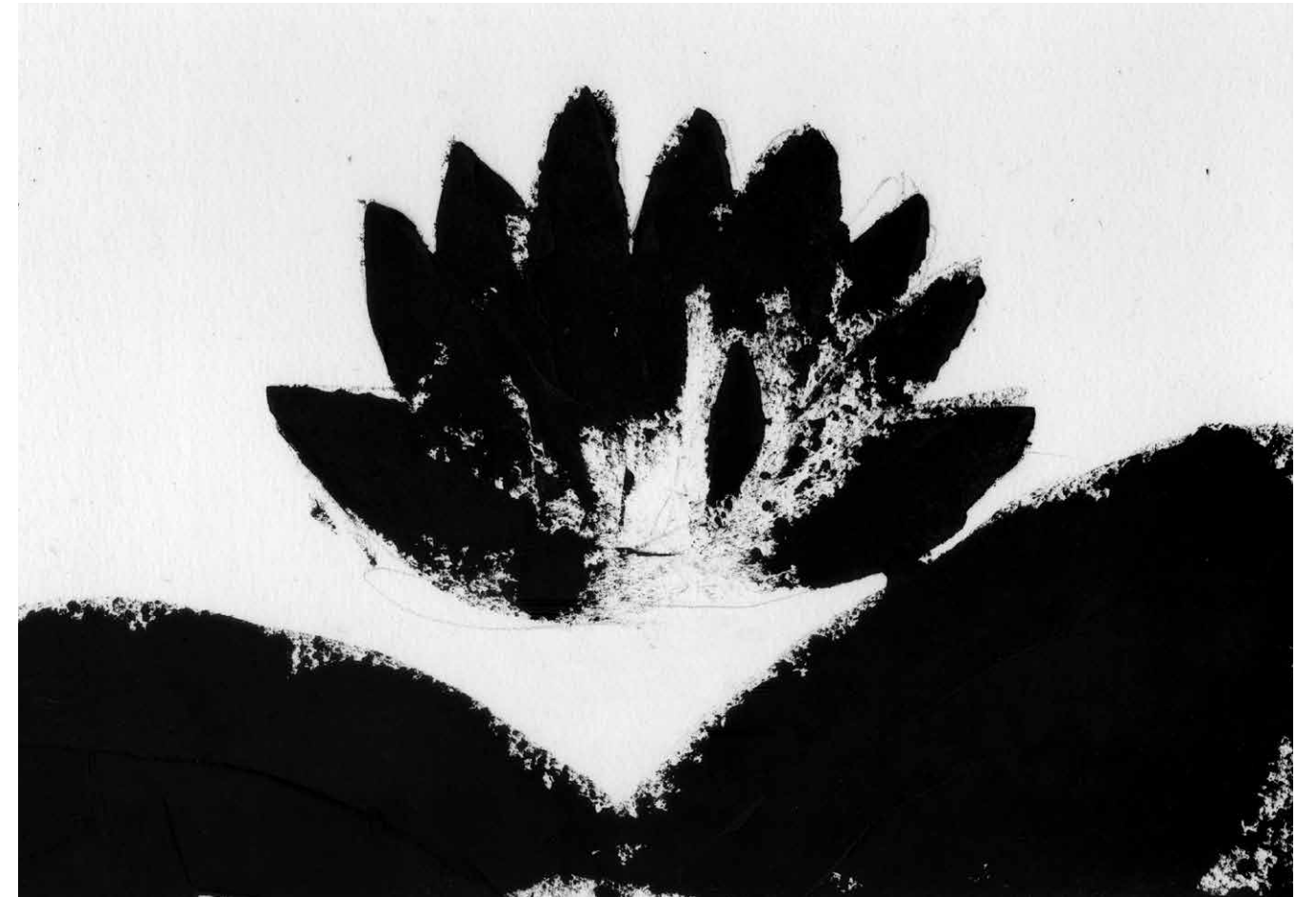
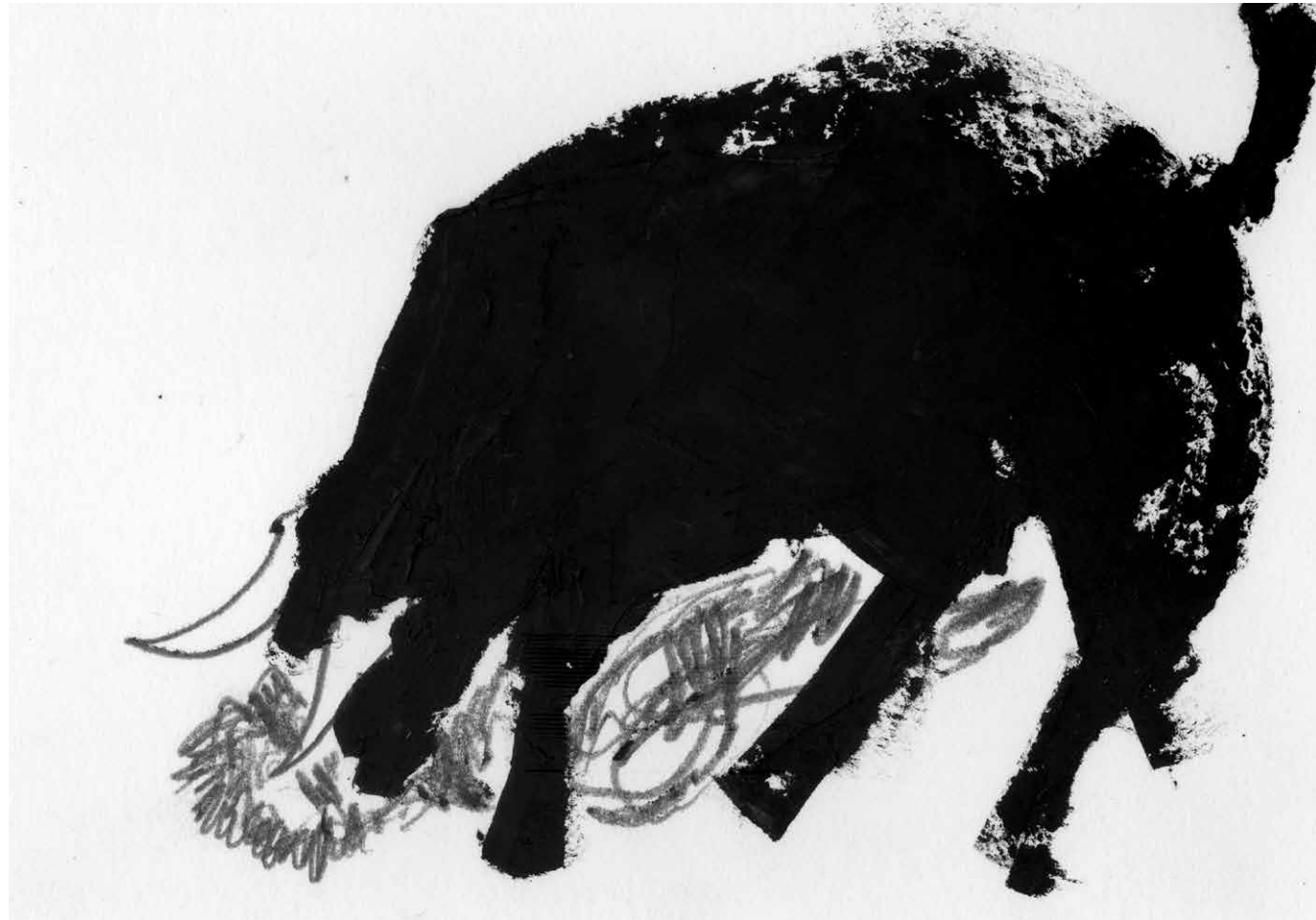


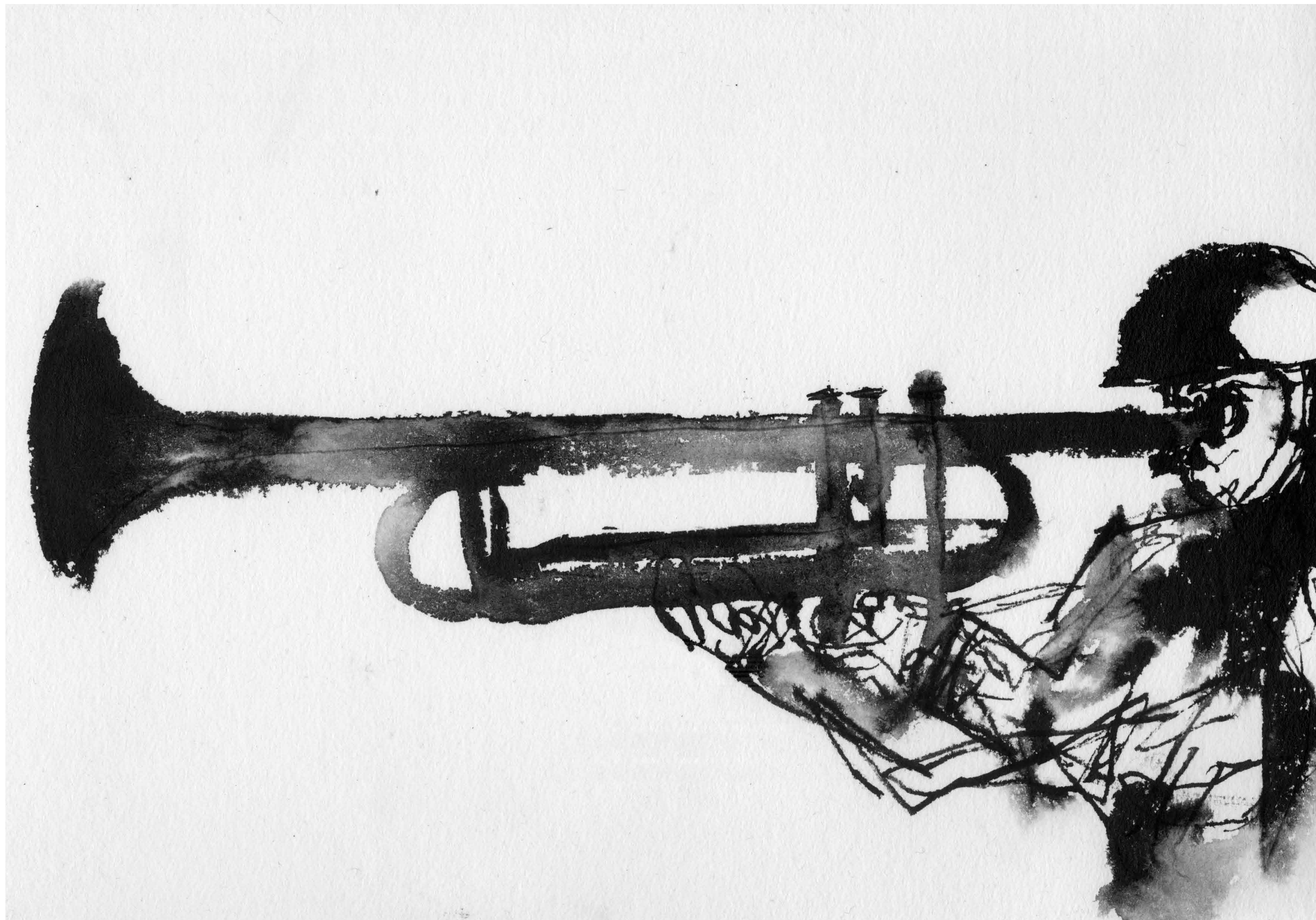


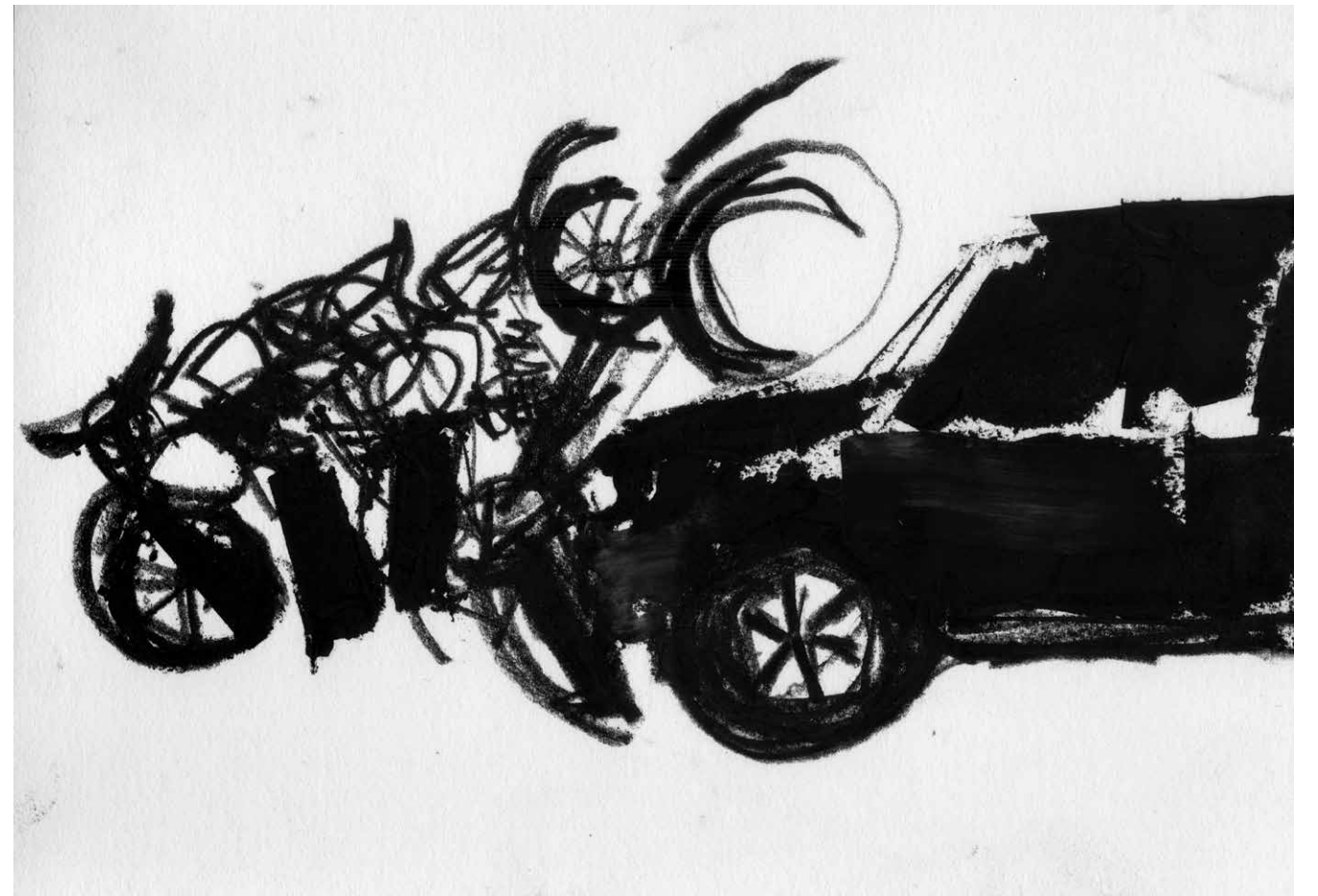
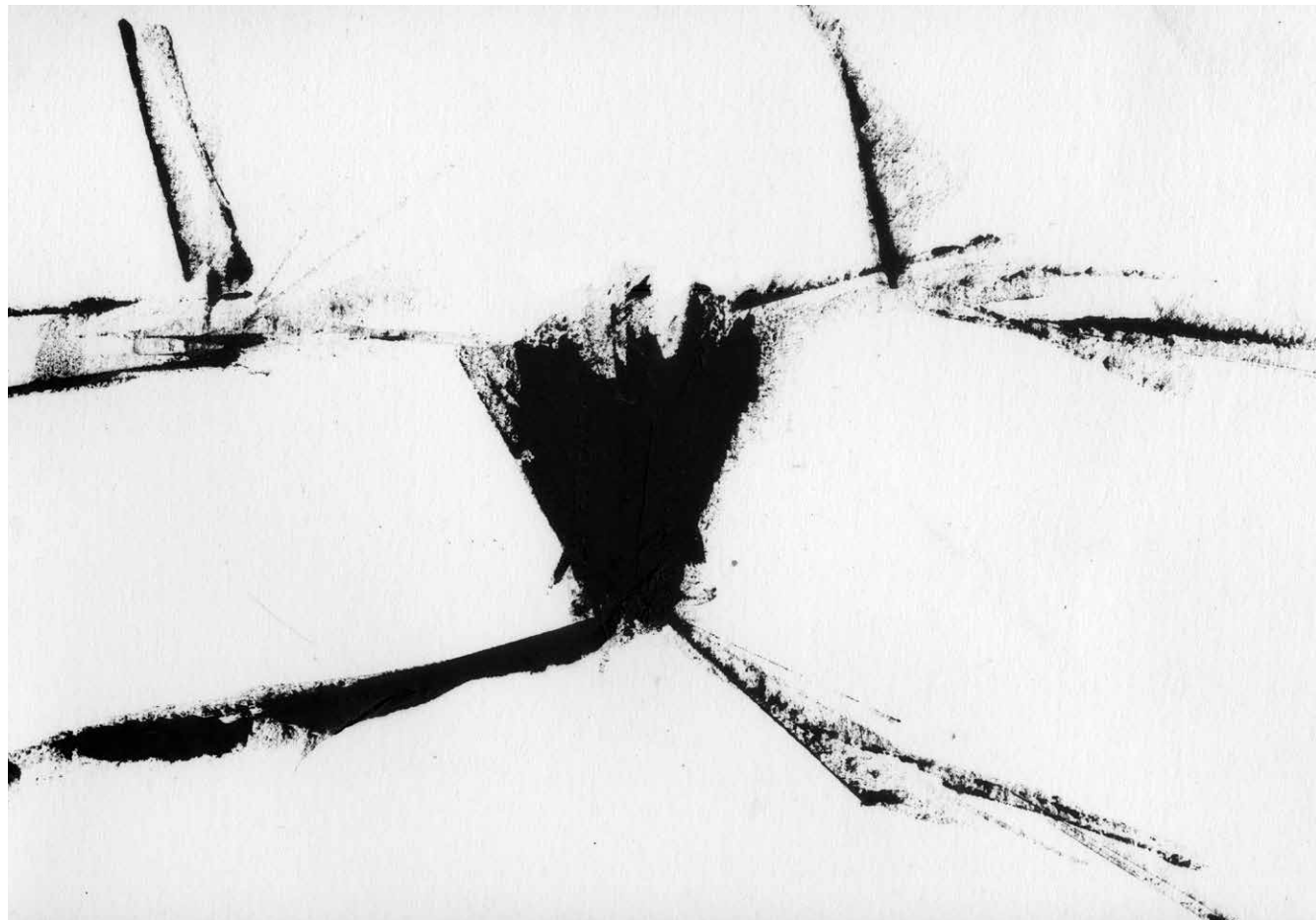
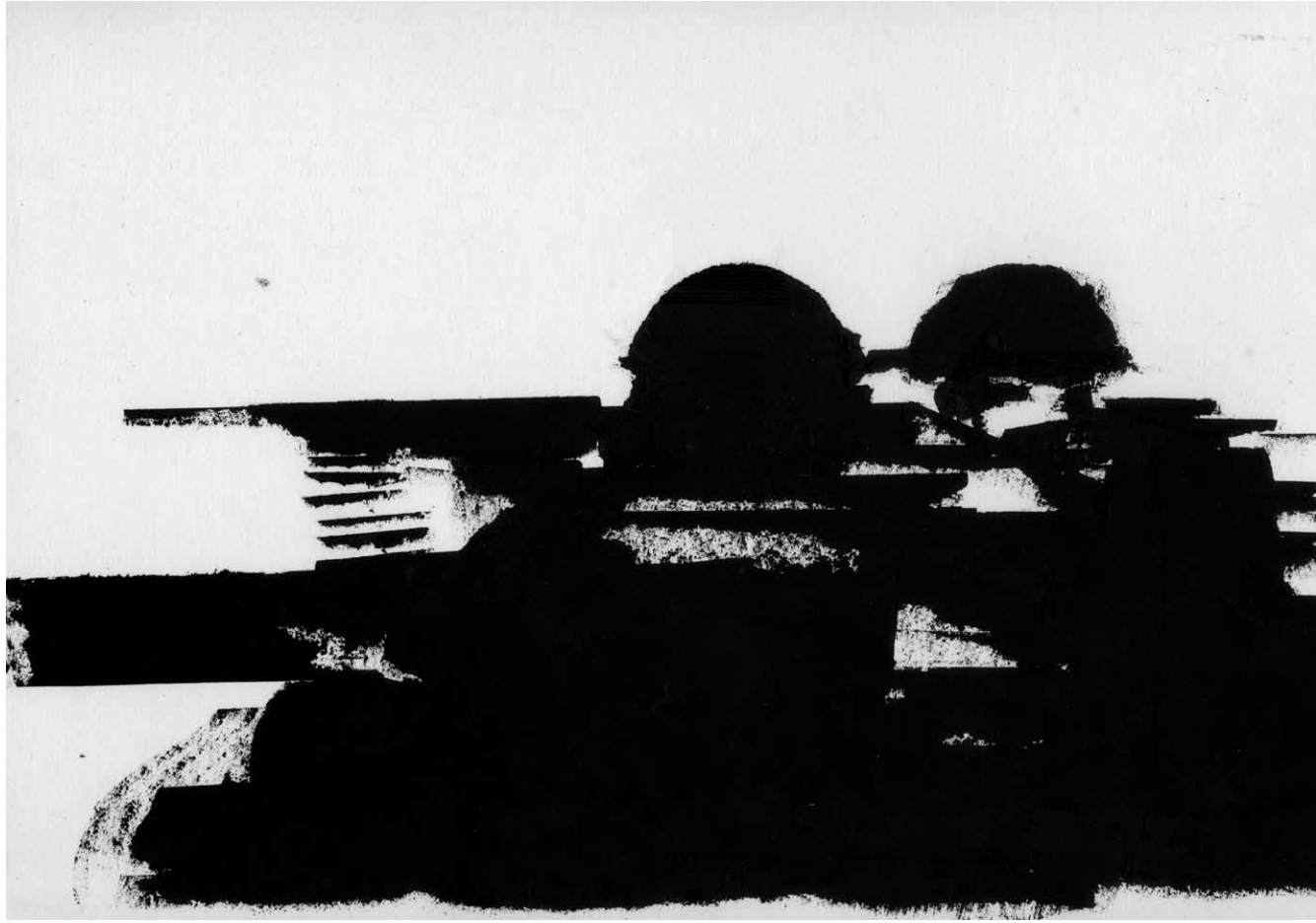














encontro

2018
Díptico/pintura
Xilogravura e óleo sobre tela
200 x 240 cm (cada)



Prefeito do Município de São Paulo
Bruno Covas

Secretário Municipal de Cultura
André Sturm

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

Diretor
Charles Cosac

Supervisora da Ação Cultural
Adriane Freitag

Ação Cultural
Carolina do Amaral
Aline Coelho
Gabriel Hideki
Isabella Martino
Paolo Ribeiro
Silas Rocha
Bárbara Spavier

Supervisora do atendimento
Renata Cristina de Melo

Supervisora de acervo
Aline Petelin

Supervisor de planejamento
Emanuel Guedes

Departamento jurídico
Jorge Josino
Martha Braga Ribas

Supervisão de gestão
Maria Cecília Gonçalves Costa

Projetos e obras
Bruno Bianchini
Andrea Peruzini

Encarregado de manutenção
Fábio Cicero

Equipe de manutenção
RP Engenharia

EXPOSIÇÃO
Enquanto isso

Textos
Rodrigo Villela

Preparação e revisão de texto
Richard Sanches

Design gráfico
Gabriel Hideki

Fotografia
Fernando Vilela

AGRADECIMENTOS
Renan Araújo
Stela Barbieri
Arnaldo Basoli
Anna Maria Carolo Marchesi Carbone
Roselane Maria da Silva Costa
Marcelo Guarnieri
Toninho Marchetti
Angela de Moraes
Carina Midori Tiyoda